

## Considerações sobre o Belo em Plotino

---

---

*Maria Simone Cabral Marinho*

### *Résumé*

*Cet article a pour but de présenter certaines considérations sur la notion du Beau chez Plotin, ce que suggère son titre. Il veut aussi traiter des concepts de Contemplation et de l'Un, tout en analysant leurs rapports avec la notion du Beau. Nous envisageons par ce moyen de composer une idée générale sur ce qu'on appelle "métaphysique esthétique".*

### *Apresentação*

Plotino concedeu à arte uma importância metafísica e espiritual. No seu tratado sobre o Belo, ele consegue sintetizar a teoria das idéias de Platão, a riqueza aristotélica da forma e a teoria pitagórica da harmonia constituída pelos números, sem perder a sua originalidade (Quiles, 1981: 58). Mostrar a problemática e a maneira como estas relações se harmonizam, significa explicitar o conceito de Belo em Plotino e desta maneira, apresentar uma leitura possível de sua obra. Assim, pretendemos, em linhas gerais, pontuar as considerações plotiniana sobre o Belo; em linhas mais específicas, objetivamos pensar a relação da estética com a metafísica — a partir da explicitação dos conceitos de Contemplação, Uno e Belo, nas suas relações — e por meio desta, demonstrar a idéia de que Plotino faz uma “metafísica estética”.

Interpretar e expor o pensamento de Plotino, não é tarefa das mais fáceis. Os estudiosos dividem-se em duas correntes: uma de caráter subjetivo, em que se destaca o desejo de unir-se ao divino e portanto, o sentimento religioso; a outra de caráter objetivo, em que notamos a tentativa de explicar o real, com bases racionais, e a tendência do homem e de todas as coisas ao Divino (Reale, 1994: 432). Esta segunda corrente, por possuir um caráter mais especulativo, oferece-nos interpretações mais filosó-

ficas e metafísicas. É ela, portanto, a eleita<sup>1</sup> para nossa exposição. É importante salientar que esta divisão se dá apenas a nível didático, pois em Plotino, a especulação filosófica e o sentimento religioso encontram-se intimamente interligados.

É importante ressaltar, ainda, que o Belo só pode ser entendido, se deixarmos claro o que é a contemplação e o que é o Uno (dois pontos-chaves da metafísica plotiniana). Como estamos tentando mostrar que a teoria do Belo em Plotino resulta em uma metafísica estética, é natural que a questão metafísica seja primeira e mais importante. O Belo plotiniano não pode ser pensado só esteticamente, ele somente pode ser pensado, tendo por base uma metafísica que vai culminar no seu tratado sobre o Belo, em uma metafísica estética. Desta forma, este estudo se dividirá em três momentos, a saber: o primeiro tratará das questões relativas à Contemplação e ao Uno; em um segundo momento, explicitaremos a teoria da Belo e, por último, tentaremos mostrar a relação destes três conceitos.

### *I. A Contemplação e o Uno*

Plotino inicia a *Enéada* III. 8 — “A natureza, a contemplação e o Uno” — dizendo que todos os seres desejam contemplar, tanto os racionais quanto os irracionais, sendo que cada um contempla a seu modo e desta forma, às vezes alcançam a realidade e as vezes uma imitação ou imagem desta realidade. Alcançar a realidade, nos parece, em uma primeira leitura, estar diretamente ligada à interiorização. Explicamo-nos: Plotino cita dois tipos de ações que tendem à contemplação, as ações necessárias e as ações voluntárias livres. No entanto, se ambas tendem à contemplação porque se constituem em dois tipos diferentes? A primeira (ação necessária) dirige nossa atenção para às coisas exteriores e quando isso acontece, alcançamos uma imitação ou imagem da realidade: “*Assim, os homens, quando a contemplação se debilita neles, passam à ação, que é uma sombra da contemplação e da razão. Incapazes de dedicar-se à contemplação pela debilidade de sua alma, não podem alcançar o objeto da contemplação e ficar plenos dela, ainda quando desejem vê-la, e lançam-se à ação, para ver com os olhos o que não podem ver com a inteligência. Quando fabricam objetos é porque querem ver e contemplar (aquilo igual ao objeto da contemplação intelectual). E quando se propõem a trabalhar enquanto podem, é porque querem vê-lo e fazer os outros o sentirem*” (Plotino, *Enéada* III. 8-1).<sup>2</sup> Por outro lado, as ações voluntárias livres, dirigem nossa atenção para o interior, não tendo outro

objetivo senão o da contemplação: quando a alcançamos, alcançamos a realidade.

Temos, assim, as ações necessárias, que contemplam com a visão, quando na verdade desejam contemplar com a inteligência (ações voluntárias livres). Desta maneira, os artistas, quando produzem uma obra de arte, querem não só ver e contemplar, o objeto da contemplação intelectual; mas também fazer com que outros sintam, e isto é mais do que ver. Notamos, assim, o desejo que subjaz à simples visão do objeto; é importante não só ver, mas principalmente sentir.

Dissemos que as ações voluntárias livres dirigem nossa atenção para o interior, a contemplação, e quando a alcançamos, alcançamos a realidade. Esta realidade, certamente não é a realidade da qual temos conhecimento; ou seja, as criaturas, as plantas, os animais, os objetos, enfim, tudo que nos rodeia e que está sensivelmente ao nosso alcance. Muito pelo contrário, é algo que está para além disso tudo, que rompe todas as barreiras do sensível, que ultrapassa, mesmo sendo anterior, todas as formas de multiplicidade. Para não correremos o risco de confundir estes dois tipos de realidade (mesmo a distinção sendo bastante clara), chamaremos esta realidade que está para além do sensível de contemplação. Temos, deste modo, uma primeira definição.

Na tentativa de fornecermos um conceito mais preciso sobre a contemplação, recapitulemos três pontos importantes: primeiro, Plotino afirma que todos contemplam, *“É verdade que de pronto, nós contemplamos no momento presente”*; segundo, todos buscam contemplar, *“Todos os seres desejam contemplar e voltam-se a este fim”*; terceiro, a contemplação é um caminho, *“a contemplação segue uma ordem progressiva da natureza à alma e da alma à inteligência”* (Plotino, *Enéada* III. 8-1).

Afirmar que todos contemplam, é afirmar que todos os nossos atos, todas as nossas ações, são atos e ações contemplativas e, logo, a ação de contemplar é algo inerente ao homem. Mas Plotino vai ainda mais longe. A contemplação, que Aristóteles restringira apenas aos seres racionais, vai ser estendida a todos os seres, inclusive a natureza inorgânica: *“Poderá ela (a natureza) possui algo, e porque possui produz. Ser ela o que é, para ela é produzir; agora, ela é contemplação e razão, por este motivo produz. É o término de uma contemplação, que permanece em contemplação, não fazendo nenhuma ação exterior, senão produzindo porque é uma contemplação”* (Plotino, *Enéada*).

No entanto, há diferentes graus de contemplação. Há contemplação na criação da natureza, há contemplação nos nossos atos, há contemplações. A contemplação da natureza é de grau inferior, porque ela se encontra

tra muito distante do Uno; quanto mais afastados estivermos Dele, mais nossa contemplação se torna debilitada. No homem, a contemplação se encontra em um grau mais elevado, porque este é dotado de razão; não uma razão que está na natureza e que é a própria natureza, mas uma razão superior que se assemelha à alma.

Poder-se-ia dizer que a contemplação ocupa um lugar central no pensamento de Plotino, como afirma Ismael Quiles (1981: 20-21): *“Efetivamente por uma espécie de contemplação o Uno produz a inteligência. Esta por sua vez pela contemplação do Uno produz a multiplicidade das idéias, já que não é capaz de abranger, com uma só idéia, toda a infinita perfeição do Uno. Neste ato de contemplação a inteligência produz a alma do mundo e esta, por sua vez, ao contemplar a inteligência e o Bem, produz as demais almas e a matéria”*. Temos assim, vários graus de contemplação que terminam por uma contemplação suprema: o encontro com o Uno. Assim, o desejo de contemplar é o desejo de retornar ao Uno e, desta maneira, a contemplação é também um caminho. Mostrar esse itinerário, é tentar definir o Uno e nos aproximarmos do Belo.

Na tentativa de defini-lo, primeiro levantaremos algumas passagens das Enéadas a respeito Dele: *“tudo que é, é pelo Uno, tanto os seres que são o próprio sentido da palavra quanto os que chamamos seres nos seres (...) Não tem, pois, qualidade, nem quantidade, nem inteligência, nem alma, nem é móvel, nem está em repouso, nem tem lugar, nem tempo (...) O simples e o princípio de tudo é o Uno. É anterior ao mais precioso de todos os seres, posto que é necessário que haja algo anterior à inteligência, o qual quer ser um, porém não o é (...) Poder-se-ia concebê-lo definindo-o como aquele que se basta a si mesmo”* (Plotino, Enéada VI, 9, 1, 3, 5-6).

Três pontos podem ser abordados nestas passagens: o Uno é princípio, é simples e é inefável. É princípio porque tudo que existe, existe por Ele, deriva Dele, e mesmo havendo princípios de unidades em vários níveis, todos eles pressupõem uma unidade absoluta, um princípio absoluto de onde tudo provém. Por ser princípio de tudo é simples, pois como afirma Plotino, porque sempre o que engendra é mais simples que o engendrado. Pela sua simplicidade chega a ser inefável, pois é tão simples que nos parece quase impossível poder pensá-lo e conseqüentemente dizê-lo. Assim, a única forma de pensá-lo e dizê-lo é ir ao encontro Dele e tornar-se um com Ele: e então, já não se pensa, nem se diz, mas *“experencia-se”*.

Por ser tudo isto, ele se basta a si mesmo. Mas, se ele se basta a si mesmo, porque dele procede a multiplicidade das coisas? Ou, citando

Bréhier (1928: 368): Por que a realidade não permanece eternamente contraída nele? Ao que responde, porque toda coisa perfeita produz, igual ao ser vivo que produz seu semelhante quando chega ao estado adulto; uma espécie de superabundância, como de uma fonte, cujo excesso se derrama, como de uma luz que se difunde. O ser vivo, a fonte, a luz, não perdem nada ao estender-se e conservam em si mesmos toda a realidade.

Para uma melhor definição do Uno, tentaremos mostrar o caminho de retorno a Ele. Que tudo deriva dele nós já sabemos; de que forma isso ocorre é um problema que não abordaremos neste trabalho. O que nos interessa aqui, é o contrário deste processo. Não queremos saber como as coisas derivam do Uno e, sim, como estas mesmas coisas a Ele retornam. Quanto mais nos aproximamos Dele, mais nos distanciamos da multiplicidade das coisas. Saltar para trás, talvez seja o primeiro passo para irmos ao encontro do Uno: *“primeiro a inteligência deve fazer-se direcionada para trás: deve abandonar-se apesar de sua dualidade, à realidade que lhe está em cima, além dela; deve se quiser ver o princípio supremo, deixar de ser uma inteligência toda ela”* (Plotino, Enéada III. 8, 9). Em que momento a inteligência deixa de ser toda ela? Quando deixa de lado a sua dualidade que é um obstáculo quando se quer atingir Uno: *“o que distancia os seres incorpóreos não é o lugar, senão a dissemelhança e a diferença; e assim, quando esta desaparece, desaparece também o que impedia a mútua presença.”* (Plotino, Enéada VI. 9, 8).

Seguem-se daí duas perguntas: por que deixar de lado a dualidade? De que maneira isto é possível? Plotino diz que se tendemos ao bem, é mister que remontemos ao princípio que está em si mesmo e chegar a ser um só, em lugar de muitos, se é que desejamos ver o princípio, o Uno. Se, para “vermos” o Uno, precisamos chegar a ser um só, fica descartado qualquer tipo de dualidade; por isto, esta se constitui em um obstáculo; pois só se chega ao Uno, quando somos um e ser um é não ser duplo. Mas como isso acontece? *“Se isto deseja, é necessário que, distanciando-se de todas as coisas, volte-se completamente a seu interior, e não se aproxime a nada exterior (...) O um, diz (Platão) não está fora de nenhum ser; está em todos e eles não o sabem, posto que fogem dele, ou melhor, de si mesmos, e assim não podem alcançar aquilo do qual fugiram, nem buscar outra coisa depois de se terem perdido a si mesmos (...) Ao contrário, o que conhece a si mesmo, conhece aquele de onde procede.”* (Plotino, Enéada VI. 9, 7).

Voltar-se completamente ao seu interior e, num ato de união, tornar-se um com o Uno, numa perfeita identificação. Este é o ponto culminante, o momento supremo da contemplação, e por este motivo, o mais difícil de

ser explicado: *“daqui provém a dificuldade de explicar em que consiste a contemplação: por que como se poderá explicar se o que contempla o objeto não o vê diferente de si senão como um consigo mesmo?”* (Plotino, *Enéada VI. 9, 10*). Ao que se responde que é uma visão que está além da própria visão, é mais que ver e contemplar, é unir-se: *“havendo sido, pois, o vidente e o que ele via não duas coisas, senão uma (não como quem vê, senão como quem se une), se este quer recordar aquela união, conserva dela imagens em si mesmo”* (Plotino: *Enéada*). Este momento de união mística é tão supremo e tão sublime que Plotino (*Enéada VI. 9, 9*) admite não ser possível descrevê-lo com palavras e por isso recorre à experiência: *“se alguém o experimentou, compreenderá o que digo”*.

Do que foi abordado, podemos levantar quatro pontos que podem “resumir” o caminho ou a forma de se atingir o Uno: primeiro é necessário que olhemos para trás, no sentido de procurarmos o princípio que se encontra antes de tudo; por isso, só é possível encontrá-lo, voltando. Segundo, esta volta significa saltar para dentro de nós mesmos e isso se faz necessário porque só assim podemos nos distanciar do exterior (este é o terceiro ponto). Mas, precisamos mais ainda, precisamos nos simplificar de tal modo, que no momento supremo, não haja dualidade daquele que vê e daquele que é visto; pois é preciso que o sujeito se converta no outro, *e já não é o mesmo, nem pertence a si mesmo, senão que, pertencendo a outro é um*. Neste momento contemplamos, a contemplação é o encontro com o Uno, é uma realidade interior simplificada por uma não dualidade, é o encontrar-se com a potência de todas as coisas encontrando-se consigo mesmo; daí sua unidade, sua simplicidade e sua inefabilidade; daí também ela só poder ser alcançada por poucos: *“isto é o que significa a ordem de não poder revelar estes mistérios aos não iniciados, porque, sendo inefável o divino, não é lícito revelá-lo a quem não teve a felicidade de experimentá-lo”*. (Plotino, *Enéada VI. 9, 11*).

## 2. O Belo

O tratado sobre o Belo pode ser dividido, para uma melhor compreensão, em dois momentos: o primeiro, investiga principalmente a beleza sensível. O segundo, trata não exatamente da beleza inteligível, mas da elevação a esta Beleza. Para entendermos este segundo momento, é necessário visualizarmos o papel da alma na filosofia plotiniana. Desta forma, começaremos estudando a beleza sensível e logo após abriremos dois

sub-capítulos: um sobre a alma e o outro sobre sua ascensão à Beleza inteligível.

Plotino (Enéada I. 6, 1) inicia o seu tratado sobre o Belo, partindo das sensações, isto é, ele vai afirmar que quase sempre percebemos o Belo com a vista, ou no caso da música com o ouvido e, se nos elevarmos a um plano superior à sensação, encontraremos hábitos, ações e virtudes belas. A pergunta que ele coloca é se, além disso, há outra beleza mais elevada que estas, e segue com uma série de outras perguntas: *“Qual é a causa por que os corpos parecem belos à nossa vista, e de que nosso ouvido sinta inclinação aos sons belos? Todas as coisas belas o são por uma mesma e única beleza, ou a beleza do corpo é diversa da beleza dos outros seres? Em que consiste essa ou essas belezas?”*.

As respostas a estas perguntas vão formando, gradativamente, a argumentação de Plotino acerca da existência de uma única beleza superior, da qual participam as demais. Por exemplo, nos corpos, ele vai dizer que a beleza resulta em uma participação; na virtude, é algo identificado a sua natureza. Prosseguindo na sua argumentação, ele vai criticar a definição de que ser belo é ser simétrico e proporcionado, cujo resultado seria de que somente o todo (que é composto de partes) poderia sê-lo. Se se pensa assim, o simples (que não é composto de partes) não poderia ser belo. Mas Plotino defende a idéia da existência da beleza naquilo que é simples e para justificá-la, ele nos oferece alguns exemplos: o primeiro, que nos parece ser o principal, mostra que existe um contra-senso em dizer que o Todo é belo e o simples não o é. Afinal, de que é composto o Todo, senão de partes? Ora, se o todo é belo, é necessário que as partes (o simples) que o compõem também o sejam, pois a beleza do todo não resulta da agregação de elementos feios, uma vez que, se assim fosse, o Todo não poderia ser belo; mas o Todo (a simetria das partes — do simples) é belo: segue-se desta premissa, necessariamente, que as partes que o compõem também o sejam. Dito de uma outra forma:

- O Todo é belo
- O Todo é composto do simples
- o simples é belo

A partir deste exemplo, ele nos dá uma série de outros que justificam a existência da beleza no simples: *“além disso, segundo esta opinião, teria de admitir-se que as belas cores (o mesmo se diga da luz do sol) caem fora do âmbito da beleza, pois sendo simples não podem possuir uma beleza fundada em simetria. E como se explicar a beleza que há no ouro, ou de onde proceder a que contemplamos num relâmpago que*

*fulgura na noite? Nos sons encontramos a mesma dificuldade: os simples não teriam valor, contudo muitas vezes cada um dos que formam um conjunto é em si mesmo formoso".* (Plotino, Enéada)

Concluindo a sua argumentação, Plotino nos dá um exemplo primoroso, que não só coloca um ponto final na questão em discussão; mas também, permite iniciar o problema da participação. Diz ele: *"E se a isto se agrega que o mesmo rosto, conservando idêntica simetria, aparece algumas vezes formoso e outras não, como negar que a beleza consiste em algo mais que a simetria, e que a simetria é bela por outra coisa?"* (Plotino, Enéada)

Note-se que Plotino não vai negar a beleza daquilo que é simétrico, ele vai tão somente argumentar que, se o todo é belo, as partes que o compõem necessariamente deverão ser belas; e que a beleza consiste em algo mais do que a simetria. Seguindo o raciocínio do último exemplo dado, se a beleza fosse somente simetria, como explicar que um mesmo rosto (simetricamente disposto) nos parecesse as vezes belo e outras vezes não? Ora, se a beleza fosse somente simetria, o mesmo rosto seria sempre belo, mas não é isso que acontece. Desta maneira, somos levados a concordar com Plotino de que a beleza não é só simetria e que, se muitas vezes a simetria é bela, ela o é, de certo, por outra coisa.

Diante do exposto, podemos concluir que a beleza sensível, em um primeiro momento é percebida pelos sentidos, sobretudo pela visão e pela audição; que existe não só onde há simetria e proporção, mas que existe também naquilo que é simples, sendo bela só porque participa de uma Beleza superior: *"E isto é o que há de dizer sobre a beleza no sensível: essa beleza, que é de certa maneira imagem e sombra fugida de outra parte, que embeleza a matéria ao vir refugiar-se nela, e que ao transfigurar-se deixa-nos maravilhados"* (Plotino, Enéada I. 6, 3). Entender essa participação é mostrar o papel da alma na estética plotiniana. Passemos, assim, a falar sobre a alma.

### *2.1. A alma: ponte entre a beleza sensível e inteligível*

Antes de dissertarmos sobre o tema proposto, é importante ressaltar que não faremos uma exposição exaustiva acerca da alma. E isso por dois motivos que na verdade podem ser reduzidos a um: a alma, em si; não constitui o objetivo deste estudo. Explicamo-nos: o que nos interessa a respeito da alma em Plotino é tão somente entendermos o papel que a mesma exerce na sua estética<sup>3</sup>. Assim, por não constituir nosso objetivo e

por ser um tema extremamente complexo, cujo conteúdo não se esgota em um trabalho deste porte, nos limitaremos a escrever sobre a alma, ao tocante ao que particularmente nos interessa.

Para uma melhor compreensão do papel da alma, é importante ficar clara a sua “posição geográfica” na filosofia de Plotino, e, para isso, é necessário mostrarmos, em linhas gerais, as processões<sup>4</sup> das hipóstases<sup>5</sup> plotinianas. O Uno é a hipóstase superior da qual as outras duas procedem, é o fundamento e o princípio absoluto. Deste, por ato de criação livre, procede a Inteligência; e desta, a alma. Há, em primeiro lugar a alma universal que é a pura hipóstase do mundo inteligível. Desta derivam a alma do universo que o governa e as almas singulares que animam os corpos. Há uma hierarquia entre as almas. Elas se diferenciam pelo maior ou menor grau de contemplação, ou seja, quanto mais afastadas estão do Uno, mais elas são inferiores.

Por esta hierarquia, poder-se-ia pensar que existem três tipos de almas separadas umas das outras; mas, na verdade, a alma é múltipla e uma ao mesmo tempo, ou seja, a alma do universo e as almas particulares se diferenciam, como já dissemos, pelo grau de contemplação; mas se diferenciam sem estarem separadas da alma universal, e formam, neste sentido uma única alma. Vejamos esta passagem de em Plotino (Enéada VI, 4, 4: *“o fato de que a alma seja uma não suprime a pluralidade das almas — assim como o ser não suprime os seres — nem a multiplicidade no mundo inteligível suprime a unidade; também não devemos recorrer à multiplicação das almas para encher os corpos de vida e nem devemos crer que a alma se multiplique através da divisão corpórea. Com efeito, antes dos corpos, existem tanto as “Muitas almas” como a “Alma única”. No todo, as “muitas almas” já existem em ato cada uma, e não apenas em potência, uma vez que a alma única ou universal não impede que “muitas” existam nela, nem as “muitas” são obstáculos à única. Elas se distinguem sem separar-se e estão presentes uma à outra sem estranhar-se; pois não são limitados por fronteiras, assim com as ciências são muitas numa só alma. Do mesmo modo, a Alma única é capaz de trazê-la todas em si. E assim sendo, sua natureza é infinita (...)”*.

O que foi dito até aqui, já nos é suficiente para pensarmos o papel da alma. Para ficar mais clara a posição que esta ocupa, traçaremos uma espécie de quadro, para que a sua posição, e posteriormente o seu papel, fiquem melhor visualizados. Assim, temos:

Mundo Inteligível  
UNO  
INTELIGÊNCIA

A ALMA UNIVERSAL  
Linha Imaginária  
A ALMA DO UNIVERSO  
AS ALMAS PARTICULARES  
Mundo Sensível

Como podemos perceber, a alma é a última processão, e por este motivo mantém ligação com o sensível, ou mais do que isto, é ela a causa que o produz. Desta maneira, ela possui uma posição intermediária entre o inteligível e o sensível: “(...) na realidade, ela ocupa um grau intermediário entre os seres já que, embora pertencendo ao convívio divino, está, não obstante, no último grau do reino do espírito e, confinando com o sensível, dá algo de si mesma a esse nosso mundo, em contrapartida, recebe algo dele...” (Plotino, *Enéada* VI. 8, 7).

Note-se que Plotino afirma que a mesma pertence ao convívio divino, logo, ela não é uma mistura de corpóreo e incorpóreo. Ela possui um caráter puramente espiritual. O fato de ter ligações com o corpo, não a torna material. Os corpos dividem-se e a alma também, mas não à maneira dos corpos, uma vez que permanece toda em cada corpo. Esse argumento é difícil de ser explicado, tão difícil que o próprio Plotino tem dificuldades para desenvolvê-lo e de alguma maneira “apela” para a compreensão daqueles que são capazes de entendê-lo: “*Quem compreende plenamente isto, explorando assim a vastidão da alma e o seu poder, saberá quão divina e admirável é a alma e como pertence a uma ordem transcendente (...) a divisão, em resumo, é algo que acontece com os corpos, não com a alma*” (Ibid).

Se a alma se encontra em uma posição intermediária entre o mundo sensível e o mundo inteligível e se, como vimos anteriormente, a beleza sensível é uma participação na Beleza Inteligível; então a alma, na sua posição intermediária, vai desempenhar o papel de um canal ou uma ponte entre estes dois mundos, ou estas duas belezas; daí a afirmação de Plotino de que tudo imediatamente ligado à alma é, de alguma maneira belo. Vejamos então, de que maneira devemos nos elevar à contemplação da Beleza inteligível.

## 2.2. *Ascensão à beleza inteligível*

A ascensão à Beleza inteligível está intimamente relacionada com as questões da contemplação e do Uno. Se pensarmos por analogia, veremos que os vários graus de contemplação para se atingir o Uno correspon-

dem às várias etapas de ascensão à Beleza inteligível. Pretendemos mostrar isso no decorrer da exposição, mas primeiro, vejamos de que forma Plotino vai colocar o problema da contemplação da Beleza inteligível.

Como já dissemos, a alma vai desempenhar um papel fundamental neste caminho, pois mediante Ela, estamos unidos à inteligência que, por sua vez, tem o poder de nos unir com o Uno. Ela é o canal de comunicação como afirma Plotino, entre a formosura corpórea e o exemplar ideal vindo dos deuses. É citando a alma que ele nos convida a contemplar a verdadeira Beleza: *"Agora, abandonando a sensação em seu plano inferior, devemos ascender à contemplação dessas belezas mais elevadas que escapam ao âmbito da percepção sensitiva: as que a alma intui e expressa sem órgão algum."* (Enéada I. 6, 4).

O primeiro problema que se coloca nesta passagem é, de que maneira se pode intuir e expressar algo sem nenhum órgão? Mas, pensando assim, caímos em um outro problema: como podemos querer que algo incorpóreo (a alma) possua algum órgão? Se as belezas mais elevadas escapam ao âmbito da percepção sensitiva, então não há necessidade da existência de um órgão; portanto, esta discussão se torna inútil. Mas, se pensarmos do ponto de vista do homem, de que maneira este intui e expressa a beleza? Note-se que estamos tentando mostrar a ascensão à Beleza Inteligível. Logo, partindo do que foi desenvolvido sobre a contemplação (de que no homem esta se encontra em um grau mais elevado), então é natural que comecemos a pensar esta ascensão a partir do homem, para somente depois voltarmos e entendermos, na sua plenitude a passagem acima citada.

No capítulo sobre o Uno, mostramos de que maneira o homem ascendia ao divino. Analogamente, a forma como se "caminha" para a Beleza inteligível é a mesma: uma interiorização que se faz necessária, no sentido de procurarmos o princípio que se encontra antes de tudo e do qual brotam todas as coisas. Uma purificação que se obtém através do "desprezo das coisas daqui embaixo". *"A Alma purificada vem a tornar-se como uma forma, uma razão; toda incorpórea e intelectual, e pertence inteira ao divino, onde está a fonte da beleza, e de onde vêm todas as coisas do mesmo gênero (da alma)... Reduzida à inteligência, é a alma muito mais bela. E a inteligência, e aquilo que vem, é para a alma uma beleza própria e não estranha, porque então ela é só alma"* (Plotino, Enéada I. 6, 6).

Mas o que é análogo não é igual e, sim, semelhante; logo, o caminho do homem ao Uno é semelhante à ascensão à Beleza suprema. Mas se pensarmos que contemplamos a Beleza inteligível a partir do sensível (pois,

como vimos, esta participa daquela), temos então, não somente uma interiorização, mas também uma exteriorização; pois aquilo que se mostra (o belo sensível) expressa e corrobora a existência de uma beleza superior. No seu tratado *A Dialética*, Plotino vai dizer que o amante está separado da beleza superior e para compreendê-la necessita das belezas sensíveis, e um dos caminhos para ascender à Beleza suprema é o da arte: "(...) *mas separado dela é incapaz de compreender o que ela é e necessita das belezas visíveis para transportar-se em direção àquela... acostuma-se logo a pôr o objeto de seu amor em seres incorporais; mostra-se-lhe a beleza nas artes<sup>6</sup>, as ciências e as virtudes. É necessário logo ensinar-lhe a unidade do belo e como se produz*" (Enéada I, 3, 2).

A beleza que existe nas artes (exterior) está, porém, intimamente indissociada da idéia da verdadeira beleza (interior). Podemos ver isso, claramente, quando Plotino, no mesmo tratado acima citado, fala do músico: "*o músico se entusiasma e se transporta pela beleza; incapaz de emocionar-se por si mesmo, está sujeito à influência das primeiras impressões que lhe sobrevêm (...) chega a captar a beleza destas relações entre si e apreender que as coisas que o enchem de alegria são seres inteligíveis, ou seja, a harmonia inteligível, a beleza que nela existe, e de uma maneira absoluta a beleza, e não só aquela beleza particular*" (Ibid).

O homem, sobretudo o artista, expressa a beleza através de sua arte. Pela abstração do que é sensível, somos capazes de intuir a verdadeira beleza. Esta abstração e intuição nos vem da alma, pois só podemos contemplar a Beleza inteligível se nos tornarmos unos com ela, e essa unificação só é possível porque a alma que se encontra em nós é divina e portanto, participa diretamente desta beleza. Desta forma, é possível entender na sua plenitude a idéia de que a alma intui e expressa sem órgão algum esta Beleza. Ora, não se precisa de órgão para intuir e expressar a beleza, porque intuí-la e expressá-la é unificar-se com ela e assim, alma e beleza são uma e a mesma coisa. O homem só é capaz de contemplar a beleza superior porque tem uma origem divina; por isso ser capaz de ultrapassar as belezas sensíveis, no sentido de abstrair destas a única beleza, é ser capaz de retornar a sua pátria. Diz Plotino (Enéada I, 6, 9) quando nos descreve a unificação do homem com a Beleza suprema: "(...) *Tu te vês neste estado? Então te tornaste uma visão; tem confiança em ti; embora permanecendo aqui, hás subido ao alto, e não tens necessidade de guia. Fixa o teu olhar e contempla. Porque este olho só é o que pode ver a grande Beleza (...) Porque é necessário que o olho se faça semelhante e parecido com o objeto visto, para poder contemplá-lo. Jamais veria um olho o sol, sem haver-se tornado semelhante ao sol; nenhuma alma veria o belo sem ser bela (...)*".

### 3. A Contemplação, o Uno e o Belo

Como dissemos na apresentação deste artigo, o Belo plotiniano só poderia ser apreendido ou compreendido se conseguíssemos deixar claros os conceitos de contemplação e Uno. Tentemos pois, elucidar com mais objetividade estes conceitos e, partindo de suas relações, entender o Belo.

Começemos pela contemplação e destaquemos três pontos que nos parecem suficientes para explicitar o seu conceito: a) há vários graus de contemplação; b) a natureza contempla e contemplando produz; c) no homem a contemplação se encontra em um grau mais elevado<sup>7</sup>. Vejamos uma passagem do livro de Mehlis (1932: 193-194) que sintetiza, a nosso ver, muito bem, estes pontos: *“Lo que llamamos la naturaleza es un alma que contempla silenciosa el espectáculo de lo producido por ella, que tateando y mirando se descubre a si mesma y da cabo a una brillante y sugestiva obra de contemplación. La naturaleza crea para contemplar y contemplando crea. Sin embargo, no debe confundirse la contemplación de la naturaleza con la contemplación de los seres espirituales. Aquella es a ésta como el sueño la vigilia. La contemplación de la naturaleza es un ensueño, la del espíritu una clara visión”*.

A contemplação por possuir vários graus, é um caminho, no sentido de que esses graus correspondem as várias etapas em busca do divino. Atingir o Uno e contemplá-lo é passar necessariamente por todas as etapas, que partindo da natureza tende a elevar-se até a simplificação com o Uno. Podemos desta forma, definir a contemplação como um caminho tanto ascendente como descendente. Este, no sentido de que o Uno por uma espécie de contemplação produz a inteligência, esta por contemplar o Uno produz a alma, e esta por contemplar a inteligência produz a matéria. Ascendente porque, o homem contemplando, eleva sua alma, esta, por sua vez, contempla a inteligência e esta o Uno. Mas não se trata de um caminho qualquer, e sim, de um caminho metafísico, na medida em que busca encontrar o fundamento de todas as coisas.

O que é o Uno? É, como acabamos de dizer, o fundamento de todas as coisas. É aquilo que possibilita que todas as coisas sejam. O Uno plotiniano é algo extremamente difícil de ser definido. Tão difícil que na maioria das vezes Plotino ou recorre à experiência ou o define utilizando o método da teologia negativa<sup>8</sup>. Raras vezes, ele se atreve a dar uma nota positiva sobre o Uno<sup>9</sup>: *“Poder-se-ia concebê-lo definindo-o aquele que se basta a si mesmo, pois é mister que seja o mais suficiente, o mais independente, o mais rico de tudo quanto existe, enquanto que tudo que é*

*múltiplo, e não é um, carece de muitas coisas. A essência necessita dele para ser uma, enquanto que ele não tem necessidade nem de si mesmo, posto que é o que é. Um ser múltiplo tem necessidade de tantas coisas quanto componentes tenha e além disso, cada um dos componentes ficaria incompleto, tanto no que diz respeito a sua própria unidade quanto a unidade do conjunto”* (Plotino, Enéada VI, 9-6).

Notemos que os conceitos de contemplação e Uno se inter-relacionam, na medida em que, o Uno produz por uma espécie de contemplação, e o que se busca contemplar é o Uno. Mas, onde entra o Belo nesta relação? A princípio parece um paradoxo falar de metafísica estética, se, de uma maneira geral, relacionarmos, metafísica com aquilo que não se vê, com essência e portanto com o estudo do ser enquanto ser. E se relacionarmos estética com aquilo que é visto, com a aparência, e desta forma, como estudo racional do Belo. O paradoxo essência/aparência desaparece quando Plotino diferencia nitidamente dois tipos de belezas: uma sensível e outra inteligível. Esta aparente dicotomia não quebra a unidade do pensamento plotiniano, ao contrário, a acentua; pois como vimos, a beleza sensível só é bela porque participa da Beleza inteligível.

Neste sentido, entender a contemplação plotiniana é entender a contemplação dos vários graus da beleza sensível que se esforça, num movimento contemplativo, para fazer parte da Beleza suprema. No mesmo sentido, compreender o Uno é compreender a beleza inteligível, que contemplando, despeja seus raios na matéria tornando-a bela, e esta na sua transfiguração *deixa-nos maravilhados*. Por estes motivos, consideramos indispensáveis a elucidação dos conceitos de contemplação/uno, pois os mesmos fazem parte da explicitação dos conceitos do belo sensível/inteligível. Podemos afirmar que o belo sensível, teoricamente, se encontra no campo da contemplação criadora e o Belo inteligível no campo do Uno, embora ambos mantenham a mesma unidade: *“O que está além da Beleza chamamos a natureza do Bem: o belo está colocado frente a ela. Assim, numa expressão de conjunto diremos que o primeiro é o belo, porém, se se quer dividir os inteligíveis, ter-se-á de distinguir o Belo que é o Lugar das idéias, do bem, que está além do Belo e que é sua fonte e seu princípio. Ou colocar-se-ia o Bem e o Belo num mesmo princípio. Em todo caso, o Belo está no Inteligível”*. (Plotino, Enéada I. 6, 9). Desta forma, o Belo plotiniano é metafísico, na medida em que coloca o fundamento de todas as belezas existentes naquilo que é Belo por excelência. Logo, podemos vislumbrar na metafísica plotiniana uma atitude última do homem frente ao mundo em geral e nela a beleza intervém como um caminho para as regiões supra-sensíveis (Guerrero, 1954: 27).

## Conclusão

Diante do exposto, podemos concluir que o tratado sobre o Belo de Plotino, bem como todas as considerações a respeito deste assunto, desenvolvidas por ele no decorrer de toda a sua obra, colocam a arte em uma posição privilegiada, isto é, a mesma passa a ser tratada não somente como uma simples imitação ou cópia da verdadeira beleza, mas, sobretudo, como um meio pelo qual o homem pode elevar-se espiritualmente. Espiritualizar a arte, abstraindo ou intuindo desta uma beleza superior, divina, nos parece ser o grande legado deixado por Plotino na sua teoria do Belo. Mostrar essa transfiguração espiritual do sensível, é fazer uma metafísica estética: *“Nos referimos, en primer término, al tratado sobre la belleza, que en su transfiguración espiritual de lo sensible da expresión a una metafísica estética (Mehlis, 1931:44).*

Um outro ponto importante que se fez notar é a unidade do pensamento plotiniano. Ele consegue, mesmo nesta dicotomia — sensível / inteligível — manter uma unidade. O sensível, de alguma maneira, vai servir como caminho ao inteligível, assim como, a beleza da matéria vai nos encaminhar à beleza do espírito: *“O que importa a Plotino é a arte como obra do espírito. E assim, a verdadeira Arte, que não se esgota em nenhuma de suas realizações exteriores, identifica-se com o princípio espiritual que a todos vivifica e supera. (...) o acesso à beleza proporcionado pela arte, entendida como atividade espiritual, não é diferente do conhecimento intuitivo do ser e da contemplação da realidade absoluta” (Nunes, 1981:31).*

As relações dos conceitos de contemplação / Uno / Belo, enfatizam esta unidade, na medida em que o Uno, por uma espécie de contemplação, gera todas as coisas, inclusive as belas; e o homem contemplando, sobretudo belas coisas, se eleva ao divino. Esta unidade, por sua vez, se realiza circularmente, no sentido de que o ponto de partida (o Uno) é também o ponto de chegada. Tudo parte do Uno e tudo busca retornar a este. Desta forma, temos a imagem de um círculo que nunca se completa, mas que sempre está completo.

Certamente, a teoria do belo plotiniana não abarca na sua totalidade a complexidade do tema. Mas, com certeza, dá um novo enfoque às artes em geral, transfigurando o espírito na matéria. Neste sentido, as artes se revestem de uma beleza invisível; mas, sentida e procurada por todos os homens que aspiram a algo além do sensível.

## Notas

<sup>1</sup> Estudar Plotino somente do ponto de vista subjetivo, é predicar a sua obra um caráter que ela não possui: caráter cristão. Dessa linha de pensamento, temos expressões do tipo: “Plotino está preocupado com a salvação do homem...” “Eleva-se ao divino é uma graça...” Interpretações deste tipo deturpam o pensamento plotiniano na medida em que, o caráter religioso e não cristão, só é possível porque a razão (caráter especulativo) lhe dá sentido.

<sup>2</sup> Pelo fato de estarmos trabalhando com duas traduções das Enéadas: uma espanhola e outra francesa — a referência completa aparecerá no final do trabalho, optamos em fazer as citações em português, nos pautando em uma seleção e tradução do grego para a nossa língua, cuja referência bibliográfica também aparecerá ao término deste estudo. Nossa intenção é tão somente a de padronizar as citações relativas às Enéadas, pois não queremos correr o risco de fazer uma livre tradução, nem tão pouco citar o mesmo texto em duas línguas diferentes.

<sup>3</sup> Alguém poderia argumentar que, para entendermos isto, seria necessário uma explicação profunda sobre a alma, ao que contra-argumentaríamos que explicar profundamente este assunto é não mais desenvolver um sub-capítulo de um artigo e sim uma tese; pois, para se ter uma idéia da complexidade do tema, os tratados referentes a alma são em número de nove e compõem toda a Enéada IV. Dos nove tratados, três tem como título sobre as dificuldades acerca da alma.

<sup>4</sup> São os modos como as coisas derivam do Uno. Alguns estudiosos chamam de emanatismo ou criacionismo. Resolvemos adotar a expressão processão porque a mesma é utilizada por estudiosos como Bréhier, Gandillac, Mehlis e Trouillard, para não citar todos. É bem verdade que Plotino utiliza poucas vezes o substantivo *proodos*. O termo mais utilizado por ele, para significar processão corresponde ao verbo *probainw*; mesmo assim, nos parece menos problemático usar o termo processão em vez de emanação.

<sup>5</sup> São as três formas superiores, das quais hierarquicamente acontecem as processões: a primeira delas é o Uno, a segunda é a inteligência e a terceira é a alma.

<sup>6</sup> O grifo é nosso.

<sup>7</sup> Estes pontos já foram devidamente explicitados na primeira parte deste estudo, e portanto faremos apenas uma recapitulação

<sup>8</sup> Consiste em descrever aquilo que é superior pela negação dos atributos que são próprios dos seres que lhe são inferiores. Este método, será utilizado em larga escala, mais tarde, pelo Pseudo-dionísio.

<sup>9</sup> Mas, essa constante negação não empobrece o Uno, pelo contrário, o torna mais rico. Pois, como nos diz Mestre Eckhart no sermão do desprendimento, *Estar vazio de tudo, é estar cheio de Deus*.

## Referências Bibliográficas

### Documentação Textual

- PLOTIN. *Ennéades*. Texto grego, trad. francesa por e introduções por Émile Bréhier, 6 tomos, Paris: Boivin & Cie, 1924-1938 (col. "Les Belles Lettres").
- PLOTINO. *Enéadas I-II*. Vida de Plotino (por Porfírio). Trad. espanhola, introduções, e notas por Jesús Igal. Madrid: Gredos, 1982 (Biblioteca Clasica Gredos, 57).
- \_\_\_\_\_. *Enéadas III-IV*. Trad. espanhola, introduções, e notas por Jesús Igal. Madrid: Gredos, 1982 (Biblioteca Clasica Gredos, 88).
- PLOTINO. *A Alma, a Beleza e a Contemplação*. Seleção e trad. do grego por Ismael Quiles. Versão portuguesa Ivan Barbosa e Consuelo Colinvan. São Paulo: Palas Athena, 1981.

### Bibliografia

- BHÉHIER, Émile. *La Philosophie de Plotin*. Paris: Boivin & Cie. 1928.
- FRAISSE, Jean-Claude. "La Simplicité du Beau selon Plotin". *Revue de Métaphysique et de Morale* 88, 1983.
- GANDILLAC, Maurice de. *La Sagesse de Plotin*. Paris: Librairie Hachette, 1952.
- GUERRERO, Luiz Juan. *Qué es la belleza*. Argentina: Columba, 1954 (Esquemas,12).
- MEHLIS, Jorge. *Plotino*. Tradução do Alemão por J. Gaos. Madrid: Revista do Occidente, 1931 (Los filósofos, VI).
- NUNES, Benedito. *Introdução à Filosofia da Arte*. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1989 (fundamentos, 38).
- REALE, Giovanni. *História da Filosofia Antiga: IV, as escolas da era imperial*. Tradução Marcelo Perine e Henrique C. De Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 1994 (Série da Filosofia).
- ULLMAN, Reinhold Aloysio. "Plotino: o retorno ao Uno" em *Leopoldianum: Revista de estudos e comunicações*, Vol. XXI, n° 59, Unisantos, Dezembro, 1995.